

## Portugal: entre o atlântico e o mediterrâneo. Três exemplos de arquitetura

1. AALVES COSTA, Alexandre, "Um português que é só português não é português", Texto não publicado, 2019.

2. RIBEIRO, Orlando, Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico, João Sá da Costa, Lisboa, 1993, pág. 204

3. Ibid., pág. 53.

4. Ibid., pág. 210.

5. Ibid., pág. 53.

6. SOLÀ-MORALES, Ignasi de, "Arquitectura: La Especificidad Mediterránea", in DUBY, Georges, dir, Los ideales del Mediterráneo. Historia, filosofía y literatura en la cultura europea, Icaria Editorial, Barcelona, 1997, pág. 465.

Portugal, no extremo ocidental do norte mediterrânico, é um país atlântico caracterizado pela complexidade geográfica e cultural que o divide em partes: o norte, o sul e, ainda, uma terceira parte de uma grande riqueza e complexidade, que mistura o norte e o sul sem negar nenhuma delas. A poente o agreste mar Atlântico e, a nascente, a vizinha Espanha. Assim, tendo em atenção a diferença estrutural das arquiteturas vernaculares ou populares entre o norte e o sul, respetivamente a cultura do granito e a do calcário, "gostamos de pensar num Portugal de sínteses ou, mais prosaicamente de mestiçagens de entidades estruturalmente diferentes como se o seu objetivo fosse construir um ser a partir de muitos seres"<sup>1</sup>. Acresce a estes fatores, como nos refere Orlando Ribeiro, que "ao entrelaçar de influências mediterrâneas e atlânticas, consequência da [sua] posição, se deve a dualidade do território português"<sup>2</sup> e que, "além do estreito de Gibraltar, é ao longo da costa portuguesa que, por transições cuidadosamente graduadas, se passa da última terra plenamente mediterrânea -a Arrábida- para as primeiras terras atlânticas"<sup>3</sup>.

A nossa zona sul, com características muito próximas senão equivalentes às da cultura mediterrânica, é marcada por uma maior presença dos povos originários dessa cultura, fenícios, gregos, romanos, árabes e berberes. E, entre a "Europa recortada e a África maciça aparece o Mundo Mediterrâneo como um dos traços mais antigos e permanentes da fisionomia humana do Globo. A civilização gravitou em torno deste mar interior durante dois ou três milénios"<sup>4</sup>. "O Mediterrâneo aparece, no mundo europeu moderno, como a região mais rica de variedade e localismo, mas, ao mesmo tempo, como a mais originalmente unida, no clima, na natureza, nas produções, no trabalho dos homens"<sup>5</sup> e poderíamos acrescentar, também, na sua arquitetura.

Partindo desta afirmação propomo-nos refletir sobre as razões que nos permitem afirmar que encontramos em Portugal projetos e obras arquitetónicas vinculadas, pelas suas características, com o mediterrânico.

Ignasi de Solà-Morales esclarece que a ideia de arquitetura mediterrânica é uma noção muitas vezes vaga e imprecisa sendo necessário ter em conta a sua abrangência, variedade e diversidade, "es sobre todo un tópico, y un tópico no en el sentido peyorativo que tiene la palabra, sino en el sentido griego de la palabra topos, en el sentido de que es un lugar, un punto de referencia. [...] Se reivindica la arquitectura mediterránea, pero no es una teoría, ni un sistema perfectamente definible, ni un momento histórico determinado, ni unos edificios concretos. [...] Y, por consiguiente, cuando a todos ellos los pensamos como mediterráneos, nos referimos a alguna clase de lugar común, como una base o una sensibilidad comunes, que resulta imposible identificar, separar, aislar como quien aísla un cuerpo extraño en otro conjunto vivo, puesto que más bien constituye un punto de referencia del que participan épocas, geografías, culturas, situaciones completamente variadas y diversas"<sup>6</sup>.

Podemos encontrar em Portugal, lugar onde se unem sensibilidades comuns, arquiteturas que, por razões de adaptação ao clima, à geografia, aos materiais da região e aos costumes, como sempre na arquitetura popular, possuem características muito próximas das que existem em Marrocos, Argélia, Espanha ou em qualquer outro país mediterrânico que, através de alguns exemplos, identificaremos. Não entrando em categorizações redutoras da diversidade que encontramos em cada circunstância poderemos, assim, referir que é este "lugar comum" que nos une, lugar onde "por baixo do arcaísmo pitoresco dos modos

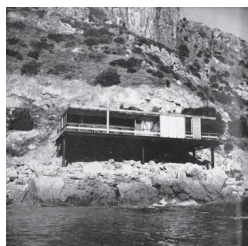
de existência, estão as raízes da própria civilização, que aqui se criou banhada pelo sol quente e sob o céu luminoso. O cunho da história marca-se em todas as formas da actividade humana; marca-se também na própria fisionomia dos lugares, moldada pelo homem, impregnada na sua presença secular”<sup>7</sup>.

Não podemos deixar de referir que não é por acaso que, em 1935, o encontro dos CIAM, se realiza a bordo de um navio que percorre, entre Marselha e Atenas, o mar Mediterrâneo, reunindo as mais vanguardistas e influentes personagens da cultura arquitetónica da época em torno da discussão sobre as ideias e os princípios da Arquitetura Moderna. Ali se produziu, talvez pela primeira vez, uma reflexão aprofundada sobre o significado da arquitetura vernacular mediterrânica e, como nos refere Ignasi de Solà-Morales, a ideia da mediterraneidade como atitude possível e como reação à arquitetura internacionalista e abstrata, ligada à produção mecanizada e aos materiais de tipo artificial do movimento moderno, da Bauhaus ou dos grandes Mestres do racionalismo dos anos vinte. Neste contexto terá Le Corbusier formulado “justamente, su autocritica desde la apuesta y la convicción de la capacidad de la cultura mediterránea para equilibrar, compensar y corregir la abstracción y el grado de generalidad de la arquitectura moderna”<sup>8</sup>.

Também Sert refere que “si después de examinados varios ejemplos de construcciones populares mediterráneas, los comparamos con las mejores creaciones de arquitectura moderna, no podremos dejar de notar características comunes, no en el detalle, sino en estas “constantes” que dan su espíritu a la obra arquitectónica. [...] La arquitectura moderna, técnicamente, es en gran parte un descubrimiento de los países nórdicos, pero espiritualmente es la arquitectura mediterránea sin estilo la que influye esta nueva arquitectura. La arquitectura moderna es un retorno a las formas puras, tradicionales, del Mediterráneo. ¡Es una victoria más del mar latino!”<sup>9</sup>

Em Portugal, os arquitetos modernos não projetaram por prévia opção ideológica, teórica ou linguística uma arquitetura mediterrânica tendo, no entanto, produzido obras muito próximas de o serem se tivessem assumido aqueles designios. Fizeram-nas por sensibilidade e capacidade de compreensão dos lugares, das culturas e das formas construídas que os antecederam. Os arquitetos (portugueses) tentaram transformar, no tempo longo da nossa História e particularmente nos nossos dias, o universal em local e nunca o contrário como pretendeu Frampton com o seu “regionalismo crítico”. Até ao nosso tempo tiveram um conhecimento “realista” do real, sendo marcados por ele mais do que por qualquer cânone linguístico de ocasião.

Procurando comprovar o que foi afirmado até aqui, referiremos três obras de diferente carácter, mas muito significativas, por constituírem exemplos marcantes da absorção da cultura mediterrânica: de Eduardo Anahory, casa Aiola na Arrábida (1960); de Álvaro Siza, o bairro da Malagueira em Évora (1977); de Vítor Figueiredo e Jorge Cruz Pinto, uma capela no Baixo Alentejo (1990-1993). Nelas encontramos atributos que nos parecem ser reinterpretações de sistemas tradicionais que se assemelham em muitos aspetos das características “constantes” na arquitetura popular mediterrânica, apontadas já em 1935 por Josep Lluís Sert, e nos remetem para a proximidade ou até pertença a um mesmo “lugar” que Ignasi de Solà-Morales menciona. Referimo-nos não apenas às formas de implantação e adaptação ao meio, mas também às opções construtivas no controle e adequação às condições climáticas ou, também, pela sua forma, cor e matéria, características que nos remetem para aquilo a que poderíamos chamar de Tradição Mediterrânica. **(1) e (2)**



1. Casa Aiola, Arrábida, 1960, Eduardo Anahory  
In L'architecture d'aujourd'hui 103, setembro de 1962, pág. 10



2. Casa Aiola, Arrábida, 1960, Eduardo Anahory  
In L'architecture d'aujourd'hui 103, setembro de 1962, pág. 11

7. RIBEIRO, Orlando, op. cit., pág. 53.

8. SOLÀ-MORALES, Ignasi de, pág. 465.

9. SERT, Josep Lluís, “Raíces mediterráneas de la Arquitectura Moderna”, en A.C. Documentos de Actividad Contemporánea, 18, 1935, págs. 31-36, pág. 33.

10. Ibid., pág. 31.

11. Ibid.

12. Ibid.

Em 1960, Eduardo Anahory (1917-1985), projeta numa zona rochosa, da praia de Galápagos, Arrábida, a sua casa de férias. A intensa relação de proximidade com as rochas e com um mar agitado diferente do mediterrânico é acentuada pelo contraste provocado pela sua volumetria de linhas puras e simples que quase não toca naquela envolvente, lembrando-nos arquiteturas efémeras que encontramos nas construções populares ligadas ao mar. Como diria Sert, uma arquitectura com “formas puras y los volúmenes netamente acusados [...] de una simplicidad magnífica”. Com uma cobertura plana, um programa mínimo, é na sua relação com a paisagem que se fundamentam os princípios que estabelece: refúgio, espaço de conforto entre a terra e o mar. Entre o interior e o exterior surgem espaços de transição, de mediação, grandes varandas cobertas, zonas de estar protagonistas da composição espacial. As persianas basculantes, protetoras do sol, permitem diferentes configurações dos espaços, ajustando-os ao clima, às estações do ano, conferindo-lhes uma especial luminosidade sem prejuízo da sua relação com a paisagem natural, “elementos que tamizam la luz sin privar la visión del paisaje exterior”<sup>10</sup>. As imagens desta casa, entretanto demolida, trazem-nos recordações de outras arquiteturas que, pelas suas características, pelos artifícios no controlo da luz, pela sobriedade da forma, pela sua intensa relação com o mar, nos permitiriam imaginar que aquele mar poderia ser o Mediterrâneo e, como refere Sert, “una arquitectura para un clima, una luz y un paisaje determinado”<sup>11</sup>. **(3) e (4)**

Álvaro Siza, numa interpretação erudita da arquitetura vernacular local, em 1977, projeta o Bairro da Malagueira, na cidade de Évora. Numa área com 27.000 hectares, pretendia-se a criação de 12.000 habitações, a criação de espaços verdes urbanos e um conjunto de edifícios singulares para albergar equipamentos coletivos. O resultado, pela maneira como compreende o lugar em pleno diálogo com o sítio e forma de vida das pessoas, com a escala da cidade e com a natureza, é uma sábia interpretação erudita das vilas e cidades do Alentejo e, consequentemente, das cidades e vilas do mundo mediterrânico. As formas puras e os “volúmenes netamente acusados [...] de una simplicidad magnífica”, “separando violentamente los planos de luz y sombra”, onde “todos los elementos tienen la medida justa, la medida “humana”, “las grandes superficies lisas, la policromía clara e brillante, la concordancia de las construcciones con líneas dominantes del paisaje en que estas se emplazan y que obliga a crear nuevas formas para cada lugar, a inventar nuevas soluciones”<sup>12</sup>, como nos dizia Sert, poderiam descrever este lugar. **(5) e (6)**



3. Bairro da Malagueira, Évora, 1977, Álvaro Siza  
Fotografia de Roberto Collova



4. Bairro da Malagueira, Évora, 1977, Álvaro Siza  
Fotografia de Sergio Fernandez



5. “Capela” no Baixo Alentejo, 1990-1993, Vítor Figueiredo e Jorge Cruz Pinto. Fotografia de António Cunha, <http://www.cruzpinto.com>



6. “Capela” no Baixo Alentejo, 1990-1993, Vítor Figueiredo e Jorge Cruz Pinto. Fotografia de António Cunha, <http://www.cruzpinto.com>

Todas as características apontadas nos exemplos anteriores se adaptam ao projecto que, no início da década de 1990, Vítor Figueiredo (1929-2004) e Jorge Cruz Pinto, desenvolvem para uma capela situada numa vila do Baixo Alentejo, em Portugal. As formas geométricas puras que a desenham, a sua volumetria de traços simples, as suas paredes brancas quase sem rasgamentos, a sua implantação isolada relativamente ao casario envolvente, conferem-lhe uma sentida e procurada objetualidade e uma evidente aproximação a exemplos da arquitetura religiosa mediterrânica.

Assim, mesmo que separados por zonas de mar ou montanha se chega a similares soluções perante idênticos problemas, sendo que, em cada caso concreto, existam traços comuns que não retiram, em cada circunstância, a sua especificidade. "Da experiência de construir, conhecidos os modelos, nasce o saber, sem grande teoria de suporte que se transmite empiricamente. [...] Dessa capacidade de adaptação ao momento, sem grandes prisões de natureza formal ou estilística, nasce a sua variedade, a sua espontaneidade e o seu ecletismo que nunca lhes retiram um genérico carácter de família que nos permite a sua permanente identificação"<sup>13</sup>.

É da comunhão da nossa história, do cruzamento dos povos e das suas culturas, da situação geográfica que nos une, do clima semelhante, entre tantas outras particularidades, que, mesmo tendo em conta as suas diferenças e contradições, parece nascer aquilo que poderíamos chamar de uma Tradição Mediterrânica.

13. ALVES COSTA, Alexandre, Textos datados, Edarq, Coimbra, 2007, pág. 63

## Bibliografia:

RIBEIRO, Orlando, Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico, João Sá da Costa, Lisboa, 1993.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, "Arquitectura: La Especificidad Mediterránea", in DUBY, Georges, dir., Los ideales del Mediterráneo. Historia, filosofía y literatura en la cultura europea, Icaria Editorial, Barcelona, 1997.

SERT, Josep Lluís, "Raíces mediterráneas de la Arquitectura Moderna", en A.C. Documentos de Actividad Contemporánea, 18, 1935, págs. 31-36.

ALVES COSTA, Alexandre, "Um português que é só português não é português", Texto não publicado, 2019.

ALVES COSTA, Alexandre, Textos datados, Edarq, Coimbra, 2007.